

21

COMPORTAMENTO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: FATORES DE RISCO, COMO IDENTIFICAR E INTERVIR

► Erica Letícia da Rosa

Especialista avaliação psicológica e psicodiagnóstico/ Faculdade Iguaçu

 <https://orcid.org/0009-0007-4793-1936>

► Tamires Santiago Ricardo

Psicologia/Faculdades Esucri

 <https://orcid.org/0009-0007-8872-3287>

RESUMO

INTRODUÇÃO: O suicídio na adolescência é um fenômeno complexo e alarmante, que envolve múltiplos fatores de risco e exige atenção de profissionais da saúde, educadores e familiares. Essa fase do desenvolvimento humano é caracterizada por intensas mudanças emocionais, sociais e cognitivas, o que pode aumentar a vulnerabilidade dos jovens. **OBJETIVO:** Investigar os principais fatores associados ao comportamento suicida em adolescentes, bem como as formas de identificação e intervenção nesses casos. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada por meio de pesquisas em plataformas digitais e livros especializados na temática. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os dados analisados indicam que diversos elementos podem contribuir para o comportamento suicida na adolescência, incluindo bullying, traumas emocionais, transtornos mentais, fobias, uso de álcool e drogas, negligência familiar e exclusão social. Também foram identificados sinais de alerta que podem preceder uma tentativa de suicídio, como o isolamento, mudanças bruscas de comportamento e verbalizações sobre a morte. A discussão enfatiza a necessidade de intervenções multidisciplinares, baseadas no acolhimento e na escuta ativa, com participação da família e de profissionais da saúde mental. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A prevenção

do suicídio na adolescência assenta na identificação precoce dos factores de risco, na promoção de um ambiente seguro e acolhedor e na atuação integrada de diferentes sectores da sociedade, apostando no reforço dos laços afectivos e na prestação de cuidados integrais aos adolescentes.

PALAVRAS-CHAVES: Adolescente; Comportamento suicida; Prevenção do suicídio; Saúde mental; Transtornos mentais.

21 SUICIDAL BEHAVIOR IN ADOLESCENCE: RISK FACTORS, HOW TO IDENTIFY AND INTERVENE

ABSTRACT

INTRODUCTION: Suicide in adolescence is a complex and alarming phenomenon that involves multiple risk factors and requires attention from health professionals, educators and family members. This stage of human development is characterized by intense emotional, social and cognitive changes, which can increase the vulnerability of young people. **OBJECTIVE:** To investigate the main factors associated with suicidal behavior in adolescents, as well as ways of identifying and intervening in these cases. **METHODOLOGY:** This is an exploratory and descriptive integrative literature review, conducted through research on digital platforms and specialized books on the subject. **RESULTS AND DISCUSSION:** The data analyzed indicates that various elements can contribute to suicidal behavior in adolescence, including bullying, emotional trauma, mental disorders, phobias, alcohol and drug use, family neglect and social exclusion. Warning signs that may precede a suicide attempt were also identified, such as isolation, sudden changes in behavior and verbalizations about death. The discussion emphasizes the need for multidisciplinary interventions, based on welcoming and active listening, with the participation of the family and mental health professionals. **FINAL CONSIDERATIONS:** The prevention of suicide in adolescence is based on the early identification of risk factors, the promotion of a safe and welcoming environment and integrated action by different sectors of society, focusing on strengthening emotional ties and providing comprehensive care for adolescents.

KEYWORDS: Adolescent; Mental disorders; Mental health; Suicide prevention; Suicidal behavior.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta os principais comportamentos considerados suicidas que podem ocorrer no período da adolescência, entre estes comportamentos se incluem a ideação suicida, tentativas de suicídio e o suicídio consumado (Henêrio e Zanini, 2020). O artigo também expõe os principais fatores desencadeadores dos comportamentos suicidas, as possíveis formas de identificação, além de apresentar possíveis formas de intervenções e manejos comportamentais.

O suicídio é a ação na qual a pessoa possua uma intenção para causar a própria morte. A palavra suicídio se origina do latim, e vem da junção das palavras *sui* que quer dizer “si mesmo” com a palavra *caedere* que significa “ação de matar”, ou seja, o suicídio é o ato que uma pessoa tem para tirar a própria vida. Importante ressaltar que os indivíduos com ideação suicida querem acabar principalmente com a dor que estão passando e encontram na morte este recurso (Henêrio e Zanini, 2020).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), o suicídio é um problema global de saúde pública que afeta pessoas de todas as idades. Estima-se que a cada 40 segundos uma pessoa cometa suicídio, totalizando cerca de 800.000 mortes anualmente. Além disso, para cada caso de suicídio, existem muitos outros que tentam tirar a própria vida. O suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos e é responsável por 1,4% de todas as mortes no mundo. É evidente que o suicídio é um grave problema que requer atenção e ação por parte das autoridades de saúde e da sociedade como um todo.

Dados recentes mostram que o comportamento suicida entre os adolescentes tem aumentado de forma alarmante nos últimos anos. Estudos revelam que aproximadamente 17% dos jovens já pensaram em cometer suicídio, e cerca de 8% já tentaram tirar suas próprias vidas. Esses dados são preocupantes e evidenciam a necessidade de se discutir e agir em relação a esse problema de saúde pública. Fatores como bullying, pressão social, problemas familiares e transtornos mentais têm sido apontados como influências para o comportamento suicida nessa faixa etária. É imprescindível que medidas sejam tomadas para identificar e tratar precocemente casos de risco, além de promover a conscientização sobre a importância da saúde mental e o apoio emocional aos adolescentes. A sociedade como um todo deve se engajar nessa questão, a fim de garantir um ambiente saudável e seguro para essa parcela da população, evitando tragédias irreparáveis (Fernandes et al, 2020).

Levando-se em consideração que a etapa da adolescência é marcada por alguns processos críticos que incluem vários fatores biopsicossociais, normalmente ela já é marcada por diversa angústia e sofrimento. Por esta razão, estima-se que o número de adolescentes com comportamentos suicidas tenha aumentado significativamente nas últimas décadas (Moreira e Bastos, 2015).

Ainda de acordo com Moreira e Bastos (2015) é comum os adolescentes quererem ter uma maior dependência e outros momentos de independência, representando diversas contradições e confusões com si mesmos. Contudo, este tipo de atitude nesta faixa etária pode ser apenas uma característica do desenvolvimento do adolescente, não havendo relação com transtornos psicopatológicos e/ou crises suicidas.

De acordo com a décima primeira edição da Classificação internacional de doenças (CID-11) desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) o suicídio é classificado como “causas externas de morbidade e mortalidade”, e se encontra no capítulo XX, sendo subdividido em “auto-envenenamento” e “autolesão intencional”. Contudo, como o suicídio não se trata de uma patologia e sim de uma consequência de diversos fatores, não possui sua própria classificação no DSM-5 TR (Manual diagnóstico e estatísticos de transtornos mentais) desenvolvido pela American Psychiatric Association (2022).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a presente pesquisa foi à bibliográfica integrativa exploratória descritiva, onde foi pesquisado em plataformas digitais (e.g. Google acadêmico; scielo; pepsic.) e livros que falam do presente assunto. Entre as principais fontes utilizadas se encontram livros produzidos pela American Psychiatry Association, como o DSM-5-TR e as Diretrizes para o tratamento de transtornos psiquiátricos.

Em relação aos critérios de inclusão e exclusão dos artigos encontrados nas plataformas digitais, foram selecionadas pesquisas que abordavam o tema suicídio e os termos suicídio na adolescência. Contudo, a temática ainda é considerada um tabu por muitos e a quantidade de artigos encontrados sobre a temática era bastante inferior ao esperado, foram utilizadas pesquisas realizadas desde 2006, sendo estas não tão atuais, porém, necessárias para o desenvolvimento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Moreira e Bastos (2015) os comportamentos suicidas podem ser classificados em três categorias: ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídio consumado, o primeiro estando associado a pensamentos e planejamentos, o segundo em tentativas que não deram certo, podendo ocorrer através de diversas maneiras, sendo os mais comuns o uso excessivo de medicamentos e enforcamento já o terceiro em atos que levam a morte.

Dados da OMS (2021) mostram que o suicídio está ficando cada vez mais comum entre os adolescentes entre 15 e 19 anos, mudando da faixa etária mais idosa para a mais jovem, sendo considerado um dos maiores grupos de risco na atualizada. Bem como, estima-se que nos últimos cinquenta anos as taxas desses comportamentos aumentaram em até 60%, colocando-os entre as dez principais razões de morte em muitos países.

De acordo com a American Psychiatric Association (2008) a ideação suicida está associada a pensamentos e planejamentos de sua própria morte, podendo variar de acordo com a gravidade, dependendo

do nível de intenção suicida. Em complemento, Moreira e Bastos (2015) considera a ideação suicida um aspecto comum no período da adolescência, em razão de ser uma fase crítica de desenvolvimentos biológicos, psicológicos e sociais do indivíduo.

Importante ressaltar que a automutilação também é um fator preocupante, visto que vem aumentando consideravelmente nos últimos anos os índices de jovens machucando a si mesmos, este ato muitas vezes está associado à ideação suicida, sendo uma maneira de chamar atenção e pedir auxílio. Contudo, esse tipo de comportamento também pode estar associado à má influência que os jovens recebem nas redes sociais, através de sites e jogos que estimulam este tipo de comportamento como se fosse uma simples brincadeira (Moreira e Bastos, 2015)

Além das redes sociais e da influência externa que os adolescentes recebem, existem outros fatores considerados de risco para atitudes suicidas, entre os principais podemos citar: s transtornos psicológicos (e.g. depressão, ansiedade patológica), ausência de uma boa rede de apoio (social e familiar), casos de suicídio na família, tentativas anteriores de suicídio, negligências, uso de substâncias, bullying, entre outros (Fernandes et al, 2020). Contudo a OMS (2021) alerta alguns sinais referentes a possíveis comportamentos considerados suicidas, como por exemplo: falta de interesse pelas coisas simples do dia a dia, mudanças em seus comportamentos sociais, queda de produtividade, desmotivação, tristeza, desânimo, isolamento, dentre muitos outros.

Segundo pesquisas realizadas por Fernandes e colaboradores em 2020 a relação social que o adolescente tem com seus familiares e colegas podem estar diretamente relacionados aos comportamentos relacionados ao suicídio. Ademais, o bullying, vivenciado no ambiente acadêmico pode ser um fator de impacto para o desenvolvimento desse tipo de comportamento, pois muitas vezes o adolescente se sente humilhado, rejeitado e completamente excluído socialmente que não encontra mais sentido na vida ou quer simplesmente para de sofrer em encontra no suicídio a solução para isso, sendo este um dos principais fatores de risco para os jovens.

Em contraponto, existem os chamados fatores de proteção, que auxiliam muito os adolescentes a lidarem com seus sofrimentos, os mesmos podem diminuir o risco de uma provável tentativa, segundo a OMS (2021) os principais aspectos incluem: uma boa rede de apoio (família, amigos...), crenças religiosas e/ou culturais, interações sociais positivas, além do acesso a serviços de saúde mental (psicólogos, psiquiatras, entre outros). Estes fatores não retiram completamente o risco de um possível suicídio, mas podem minimizar as chances.

Dados estimados pela OMS (2021) indicam que aproximadamente 90% das pessoas que cometeram suicídio tenham algum tipo de transtorno psicológico, a maior parte estando relacionado a períodos depressivos, porém, os riscos também estejam associados com esquizofrenia, abuso de substâncias (álcool e drogas), transtornos de personalidade, ansiedade, bullying, traumas, fobias, entre outros. Estes aspectos se enquadram ao público em geral, no entanto aparecem com mais intensidade entre os adolescentes, já que, estão passando por uma fase de diversas mudanças biopsicossociais.

De acordo com Moreira e Bastos (2015) a presença de comportamentos suicidas entre adolescentes em

idade escolar é alta, estando diretamente ligados a fase de desenvolvimento e alguns outros aspectos que incluem: negligências, maus tratos, problemas de relacionamentos, estresse, dentre outros. Segundo Braga e colaboradores (2013) é fundamental lembrar que estes fatores isolados não levam ao suicídio, porém, podem trazer alguns problemas psicológicos ao indivíduo.

Em relação aos transtornos psicológicos, a American Psychiatry Association (2008) mostra que o comportamento suicida e o suicídio consumado têm uma maior conexão com o transtorno depressivo maior e o transtorno bipolar, no segundo caso também é comum ocorrer episódios depressivos, em jovens com estes transtornos o risco de um possível suicídio é grande em todos os momentos da doença, no entanto alguns estudos apontam que há uma maior probabilidade de ocorrer no início do quadro. O risco de suicídio também pode aumentar de acordo com a gravidade da doença.

Em pessoas transtorno esquizofrênico o suicídio pode ocorrer principalmente nos anos iniciais da doença, apesar disso, não se descarta a hipótese de ocorrer em qualquer momento da patologia. Estima-se que durante o momento do suicídio ou da tentativa de suicídio os sintomas psicóticos estejam presentes. O risco de suicídio em pacientes esquizofrênicos também é grande quando o mesmo percebe que perdeu algumas de suas capacidades anteriores, e são negativos em relação aos tratamentos American Psychiatry Association (2008).

Os comportamentos suicidas estão diretamente relacionados aos transtornos de ansiedade, o tipo de ansiedade mais comum que tem uma relação direta ao suicídio é o transtorno do pânico, na qual está presente em aproximadamente 1% das pessoas que comentem suicídio, geralmente os transtornos de ansiedade (incluindo pânico) estão associados ao suicídio quando há algum tipo de comorbidade diagnosticada. As evidências sugerem que o risco de suicídio em pessoas ansiosas esteja aumentando gradativamente ao longo dos anos American Psychiatry Association (2008).

Ainda de acordo com o supramencionado, o alcoolismo e o uso de outras substâncias inadequadas estão diretamente associados a um maior risco de suicídio, principalmente entre adolescentes e jovens, estando como um dos primeiros na lista de principais causadores de suicídio no mundo. Caso haja associação entre o uso de substâncias e outros transtornos psicológicos o risco aumenta ainda mais. Estima-se que a dependência de álcool e drogas está presente em aproximadamente 25% a 50% dos suicídios entre adolescentes de toda a população mundial.

Em relação aos transtornos de personalidade borderline e antissocial, os mesmos estão diretamente associados a um maior risco de suicídio. De acordo com American Psychiatry Association (2008) as chances de um possível suicídio em pacientes com transtornos de personalidade também podem estar relacionadas ao desemprego, problemas financeiros, brigas, perdas familiares e negligências.

Convém ressaltar, que é possível compreender a fase de desenvolvimento dos adolescentes, que geram consequências que podem levar a comportamentos suicidas. Em decorrência disso o jovem pode ter atitudes agressivas e uso compulsivo de álcool e drogas. A partir disso, a família e a sociedade têm uma grande importância na identificação desses comportamentos, pois, as atitudes suicidas muitas vezes são consequências de transtornos psicológicos específicos (Henêrio e Zanini, 2020).

Para conseguir fazer uma identificação do comportamento suicida em adolescentes, é necessário verificar o comportamento do mesmo, onde o adolescente pode está se isolando, e reprimindo seus sentimentos. Contudo, é importante compreender que o período da adolescência é marcado por diversos comportamentos de esquivia e/ou euforia e está relacionado ao desenvolvimento biopsicossocial que ocorre nessa fase da vida (Fernandes et al, 2020).

Ademais, é necessário compreender a subjetividade e o histórico que desencadeou a ação, considerando que a morte para muitos indivíduos é temida, porém para outros, pode surgir em sua história como um fim para o sofrimento. Pesquisas desenvolvidas por Meleiro (2004) buscam reunir características psicológicas de suicidas, que demonstraram propósitos comuns do suicídio, bem como fatores influenciadores, estando relacionado a sentimentos negativos e depressivos.

De acordo com Baggio e colaboradores (2009) é possível identificar um comportamento suicida através de sinais e sintomas psicológicos, sendo alguns deles, os sentimentos de tristeza, rejeição, sintomas depressivos e ansiosos, isolamento social, entre outros, que podem estar presentes no período da adolescência. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2016) a escola tem um papel importante na identificação e no manejo da ideação suicida, na qual deve informar os familiares sempre que houver suspeita ou identificação dos possíveis comportamentos considerados atípicos apresentados pelos estudantes. De acordo com Baggio e colaboradores (2009) relações familiares adversas, diminuição das interações sociais, atitudes agressivas, dificuldades para dormir, isolamento social, sintomas psicopatológicos, podem estar diretamente relacionados a ideações suicidas no período da adolescência.

Identificar sinais de suicídio em adolescentes pode ser crucial para intervir a tempo e oferecer o suporte necessário. Primeiramente, mudanças comportamentais significativas merecem atenção. Isso pode incluir desde a perda de interesse em atividades que antes eram prazerosas até o aumento de comportamentos de risco, como abuso de substâncias ou envolvimento em brigas. Alterações marcantes no padrão de sono ou de alimentação também podem indicar um estado emocional preocupante (Henêrio e Zanini, 2020).

Além disso, os supramencionados apontam que observar mudanças emocionais intensas nos adolescentes é fundamental. Isso pode manifestar-se através de um aumento na irritabilidade, sentimentos persistentes de tristeza ou desesperança, ou mesmo um isolamento repentino dos amigos e familiares. Comentários frequentes sobre se sentir um peso para os outros ou a falta de perspectiva para o futuro também são sinais de alerta importantes que não devem ser ignorados.

Todavia, é crucial estar atento a pistas verbais ou comportamentais mais diretas que possam indicar intenções suicidas. Isso pode incluir declarações como "Eu queria poder desaparecer" ou "Eu não aguento mais". Tentativas anteriores de suicídio ou o planejamento de meios para isso, como obter acesso a medicamentos ou armas, também são indicadores críticos que exigem intervenção imediata. Reconhecer esses sinais precocemente e oferecer suporte empático e profissional pode ser fundamental para salvar vidas adolescentes em crise emocional (Fernandes e colaboradores, 2020)

A intervenção com os adolescentes com risco de suicídio, de acordo com American Psychiatry Association (2008) acontece de modo cauteloso havendo extremo cuidado do profissional para que o jovem

mantenha-se no tratamento sem receios. O estabelecimento de um vínculo terapêutico seguro, é essencial para que o manejo do caso ocorra de forma adequada, trazendo melhorias para a qualidade de vida do paciente e seus familiares.

Além disso, uma possível forma de intervenção seria através dos familiares, deixando-os cientes dos riscos que o menor vivencia. Importante ressaltar que para isso, o ideal seria convencer o próprio adolescente conversar com seus familiares (em sessão de terapia) com o manejo adequado do terapeuta, visto avisar os familiares da devida situação do adolescente. Importante ressaltar que em casos de comportamentos relacionados ao suicídio, a rede de apoio do paciente deve ser avisada imediatamente, sendo um protocolo exigido pelo Conselho federal de psicologia (2005). Além de um possível encaminhamento, caso houver necessidade, pois o tratamento realizado de forma multidisciplinar é essencial para que haja uma melhora do paciente American Psychiatry Association (2008)

Os profissionais da saúde devem evitar desenvolver um plano de tratamento cuja meta seja “eliminar” o risco de suicídio, pois isso é impossível, em vez disso, as metas devem ser a redução do risco, assim gradualmente o adolescente consegue perceber sua evolução no tratamento, e consegue “avaliar” os pontos que o levou a ter esses tipos de comportamentos. American Psychiatry Association (2008)

Importante ressaltar que o foco principal do tratamento deve estar voltado às causas que levaram o jovem a cometer esses atos. Caso o adolescente tenha algum transtorno psicopatológico, deve-se trabalhar este para que os pensamentos relacionados à morte diminuam. Este processo de tratamento muitas vezes é realizado através de um acompanhamento multiprofissional, onde o adolescente realiza psicoterapia semanalmente, e realiza acompanhamento psiquiátrico e medicamentoso caso seja necessário (Fernandes et al, 2020)

Importante ressaltar que ter uma boa rede de apoio é fundamental para que o tratamento seja bem sucedido. Caso contrário, o tratamento não irá funcionar e o adolescente poderá voltar a ter os mesmos comportamentos e pensamentos disfuncionais apresentados anteriormente. Contudo, esta rede de apoio deve estar preparada para auxiliar o indivíduo a lidar com a problemática sem críticas ou julgamentos, o que na maioria dos casos não ocorre e o tratamento é prejudicado (Henêrio e Zanini, 2020).

O manejo do suicídio em adolescentes é uma questão complexa que requer abordagem sensível e multidisciplinar. Em primeiro lugar, é crucial reconhecer os sinais de alerta, como mudanças drásticas de comportamento, isolamento social, expressões de desesperança ou desamparo e aumento no consumo de substâncias. Estar atento a esses sinais pode permitir intervenções precoces que podem salvar vidas. Além disso, é essencial promover um ambiente seguro e de apoio, onde os adolescentes se sintam confortáveis para expressar seus sentimentos sem medo de julgamentos. Isso inclui educar pais, professores e colegas sobre como abordar o tema do suicídio de maneira empática e eficaz (Henêrio e Zanini, 2020).

Em segundo lugar, o acesso a serviços de saúde mental é fundamental. Os adolescentes que expressam pensamentos suicidas devem ser encaminhados imediatamente a profissionais qualificados, como psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais especializados em saúde mental infantojuvenil. Esses profissionais podem realizar uma avaliação detalhada do risco e desenvolver um plano de segurança para reduzir a probabilidade de tentativas de suicídio. Além disso, intervenções terapêuticas baseadas em evidências, como a terapia

cognitivo-comportamental, podem ajudar os adolescentes a desenvolver habilidades para lidar com o estresse, e melhorar a autoestima (Henêrio e Zanini, 2020).

Por fim, é importante envolver ativamente a família e a comunidade no processo de apoio ao adolescente em crise. Isso pode incluir sessões educativas para os pais sobre como apoiar um filho com pensamentos suicidas, além de promover redes de suporte social positivas entre os colegas (Henêrio e Zanini, 2020). A prevenção do suicídio envolve não apenas a intervenção durante crises imediatas, mas também a criação de um ambiente de apoio contínuo e sustentável para os adolescentes vulneráveis. Com abordagens integradas e compreensivas, podemos trabalhar para reduzir o estigma em torno da saúde mental e salvar vidas (Fernandes et al, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender os fatores de risco, os sinais de identificação e as estratégias de intervenção relacionadas ao comportamento suicida na adolescência. Os resultados evidenciaram que, embora o suicídio não tenha uma única causa, a combinação de fatores biopsicossociais — como transtornos psicológicos, ausência de rede de apoio, bullying, uso de substâncias psicoativas e influências socioculturais — aumenta significativamente a vulnerabilidade dos adolescentes a comportamentos suicidas.

As análises demonstraram que a identificação precoce de sinais de alerta, o fortalecimento das redes de apoio familiar e social, e o acesso a serviços de saúde mental são fundamentais para a prevenção do suicídio nessa faixa etária. Intervenções baseadas em evidências, como a terapia cognitivo-comportamental, e a atuação conjunta de equipes multiprofissionais mostraram-se essenciais para o manejo adequado dos casos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Diretrizes para o tratamento de transtornos psiquiátricos: compêndio 2006. Porto Alegre: Artmed, 2008.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BAGGIO, L.; PALAZZO, L. S.; AERTS, D. R. G. de C. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 142–150, 2009. DOI:.

BRAGA, L. de L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. Contextos Clínicos, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 2–14, 2013. DOI:.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2015. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

FERNANDES, F. Y. et al. Tendência de suicídio em adolescentes brasileiros entre 1997 e 2016. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, e2020117, 2020. DOI:.

HERÊNIO, A. C. B.; ZANINI, D. S. Ideação e tentativa de suicídio em adolescentes. *Psicologia para América Latina*, n. 34, p. 233–243, 2020. Disponível em: . Acesso em: 15 jun. 2024.

MOREIRA, L. C. de O.; BASTOS, P. R. H. de O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 445–453, 2015. DOI:.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). CID-11 – Classificação dos transtornos mentais e de comportamentos da CID-11: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. 2021. Disponível em: . Acesso em: 15 jun. 2024.